

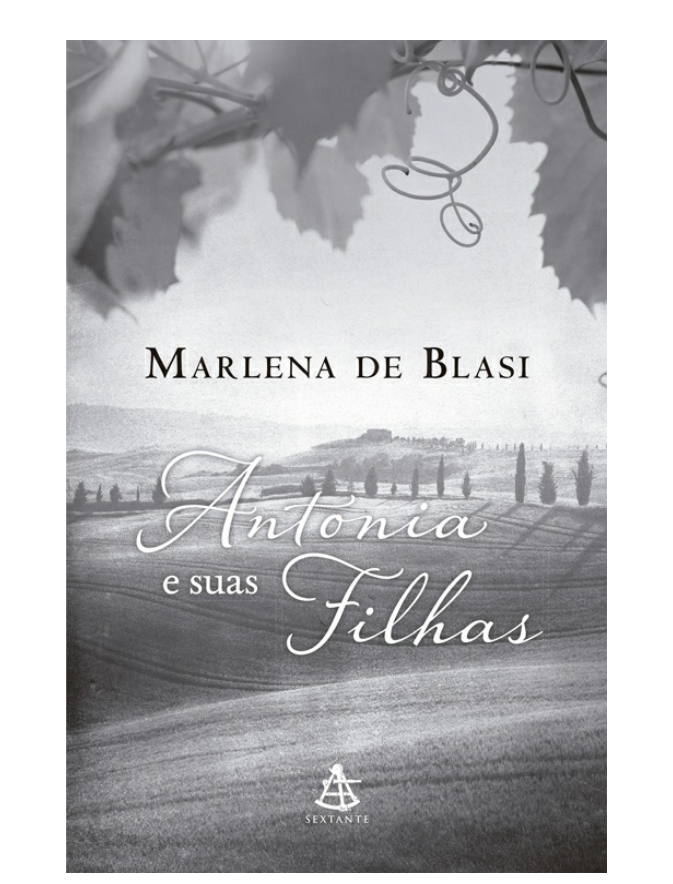
Autora de *Mil dias em Veneza*

MARLENA DE BLASI

Antonia
e suas *Filhas*

Segredos, amor, amizade
e família na Toscana





MARLENA DE BLASI

Antonia
e suas *Filhas*



SEXTANTE

Título original: *Antonia and Her Daughters*

Copyright © 2012 por Marlena de Blasi

Copyright da tradução © 2013 por GMT Editores Ltda.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

TRADUÇÃO: Livia de Almeida

PREPARO DE ORIGINAIS: Shahira Mahmud

REVISÃO: Cristhiane Ruiz, Fernanda Lizardo e Magda Tebet

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO: Marcia Raed

CAPA: Lisa White

IMAGEM DE CAPA: iStockphoto.com

ADAPTAÇÃO DE CAPA: Ana Paula Daudt Brandão

PRODUÇÃO DIGITAL: SBNigri Artes e Textos Ltda.

CIP-BRASIL.
CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS
EDITORES DE LIVROS, RJ

De Blasi, Marlena
Antonia e suas filhas
[recurso eletrônico] /
Marlena de Blasi
[tradução de Livia de
Almeida]; Rio de Janeiro:
Septanta, 2013

SEXTANTE, 2015.

Recurso digital.

Tradução de: Antonia
and her daughters

Formato: ePub

Requisitos do sistema:

D33a Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World
Wide Web

ISBN 978-85-7542-957-
0 (recurso eletrônico)

1. De Blasi, Marlena –
Viagens – Toscana
(Itália) 2. Mulheres –
Toscana (Itália) 3. Vida
rural – Toscana (Itália).
4. Toscana (Itália) – Usos
e costumes. 5. Livros

eletrônicos. I. Título.

13-
02230

CDD: 914.58
CDU: 913(450.82)

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
GMT Editores Ltda.
Rua Voluntários da Pátria, 45 – Gr. 1.404 – Botafogo
22270-000 – Rio de Janeiro – RJ
Tel.: (21) 2538-4100 – Fax: (21) 2286-9244
E-mail: atendimento@esextante.com.br
www.sextante.com.br



Para Larry G. Martin, de Deer Park, Illinois

*Como Barlozzo, ele também deve ter sido um dos 36.
Apareceu uma noite dessas e mudou tudo para sempre.*





Antonia e suas filhas é uma história real. Para preservar a privacidade da família e seu estilo de vida, mudei nomes e ambientei a narrativa em um outro lugar da Toscana, diferente daquele onde tudo de fato aconteceu.

Em 2010, aos 89 anos, Antonia faleceu em paz pouco antes do amanhecer de um dia de maio, 12 dias após nosso último encontro. A história que me relatara no verão de 2003 ela transmitiu às filhas, por meio de uma série de cartas que começaram a ser escritas em 2004, todas encontradas entre seus documentos pessoais.

Embora Antonia sempre manifestasse o desejo de que eu escrevesse o livro – *depois que eu tiver partido* –, também deixou registrada essa vontade nas cartas. Suas filhas, netas e bisneta concordaram com este desejo, e todas essas mulheres, em especial as que chamei de Filippa e Luce, me incentivaram a levar o projeto adiante.

Tive dificuldade de incluir nesta narrativa diversas passagens. Em muitas ocasiões, fiquei tentada a omitir alguns detalhes ou, pelo menos, enfeitar a verdade aqui e ali. Senti vontade de excluir vários trechos das minhas primeiras anotações, porém – mesmo com angústia – eu os mantive. Esta é a obrigação moral de um narrador quando assume a tarefa de contar a história de outra pessoa.

Sumário

[Capa](#)

[Créditos](#)

[Dedicatória](#)

[Nota da Autora](#)

[Prólogo](#)

[1](#)

[2](#)

[3](#)

[4](#)

[5](#)

[6](#)

[7](#)

[8](#)

[9](#)

[10](#)

[11](#)

[Receitas](#)

[Agradecimentos](#)

[Conheça outros títulos da autora](#)

[Conheça os clássicos da Editora Sextante](#)

[Informações sobre os próximos lançamentos](#)

Prólogo

Inverno

Os últimos raios de sol desaparecem em meio a nuvens escuras e amareladas. Na frente das portas dilapidadas do número 34, na via del Duomo, acenamos um *addio* para o grande caminhão azul, um emaranhado de tiras e lonas chacoalhando na carroceria vazia enquanto ele escala a suave encosta de pedras em direção à catedral. Como se esperássemos por um sinal, ficamos ali, Fernando e eu, abraçados, muito depois que o veículo desaparece.

Ah, é verdade, acho que este deve ser o momento em que nos viramos, abrimos as portas, subimos a escada e vamos para o salão de baile, restaurado, esfregado, envernizado, estofado, já-perfumado-pela-lenha-da-primeira-lareira-acesa-da-manhã. Durante os dois últimos anos rezamos, sonhamos e juntamos todas as nossas economias para um dia chegar a esse momento. E agora? Pela primeira vez, não há ninguém por ali martelando, praguejando e cantando. Ninguém. Nenhum dos cinco pedes napolitanos que se tornaram como os filhos para nós dois, nem os estofadores, que – como confeiteiros que precisam atravessar um corredor para entregar um pudim flambado – haviam carregado cortinas e bandôs, peça a peça, poltronas e sofás, um por um, pelo emaranhado de becos desde suas oficinas até aqui, o número 34, passando por vizinhos reunidos pelo caminho para dar uma olhada no trabalho do dia. Tanto vermelho – quase tudo é de algum tom de vermelho –, eles tagarelavam, fascinados. Também se foi o carpinteiro que fez dois pés da mesa mais curtos do que os outros dois e jurou que tinha sido de propósito, dizendo que o desnível dava uma perspectiva correta ao ambiente. Eu ainda fui capaz de lhe perguntar sobre os pratos que, com certeza, deslizariam e colidiriam com aqueles da pessoa na base da inclinação. Enquanto ele balbuciava sobre fazer a experiência de servir pratos de sopa e copos com variadas quantidades de água, para demonstrar as leis da física, disse – com o desdém de quem se dirige a um forasteiro, uma postura comum com a qual o estrangeiro deve aprender depressa a lidar com alguma tolerância: “Aqui se ‘arruma’ a vida para que ela se adapte à arte.” Também se foi o marmorista com cílios espessos como os de um pônei, que pisava firme, de aposento em aposento, com um punhado de correntes e o rosnado de um carrasco pronto para torturar a superfície da pedra, e o eletricitista, que, como tinha tão pouco a fazer pois os lustres e os candeeiros eram a vela, acabou ajudando o encanador. Todos se foram. Formávamos uma família grande, exuberante e extremamente funcional, mas agora não sobrou ninguém – exceto nós dois. Nossos pertences estavam desembalados, a cozinha pronta, havia feijões brancos e *pancetta* e um

ramo de sálvia cozinhando lentamente junto com vinho tinto numa panela de barro em banho-maria, o *baldachino* de madeira amarela que trouxemos de Veneza para a Toscana e para cá estava montado, com seu colchão de seda vermelha recheado de penas, havia lenha empilhada no terraço dos fundos, roupa de cama no baú, brocado e seda adamascada estendida, pregada, revestindo toda e qualquer superfície por menor que fosse. Quando subirmos aquelas escadas, finalmente estaremos *em casa*. Então por que Fernando e eu estamos aqui fora, no frio?

– Não deveríamos subir? – pergunta ele.

Olho para Fernando que me observava, esperando o fim de meu devaneio.

– É claro. Vamos tomar um banho, descansar e...

– E depois vamos caminhar até a *piazza* e nos sentar um pouquinho no Foresi. *Va bene?*

– Você acha que alguém da velha turma vai aparecer? Miranda, talvez. Ou Neddò. Talvez Barlozzo. Acha que alguém vai aparecer?

– Depois de ficar tão próximos durante esses dois anos de espera e de trabalho, acho que eles acreditam que vamos encontrar nosso próprio modo de comemorar a primeira noite no salão de baile.

– Eles têm razão, não é?

– Claro que sim. Agora venha comigo.

O bico arredondado de minhas botinas bate na parede de cada degrau raso. Eu os conto enquanto subo: *uno, due, tre, quattro*, como se não soubesse que são 28. Chego ao umbral de nossas portas duplas, ainda escancaradas, os bateadores com cabeça de mouro estremecendo contra as placas enferrujadas sob a rajada de vento e neve que desce, rodopiando, da claraboia aberta. Assim como açúcar peneirado. Olho sobre a balastrada para o pátio lá embaixo e vejo que o dono da mercearia vizinha segurou Fernando para uma conversa sobre futebol. Sem querer entrar – não sem ele –, sento-me atravessada no último degrau, as costas acariciadas pela aspereza da velha parede. Com uma perna cruzada sobre o joelho, fecho os olhos e respiro fundo para acalmar as batidas fortes de meu coração, dizendo a mim mesma que nada mudará muito agora que estamos em casa. Vamos continuar nossas explorações pela cidade e *comuni* vizinhas, vagaremos pelas feiras pela manhã, tomaremos nosso *espresso* acompanhado de doces no Montanucci. Cozinharemos e assaremos. Equilibrando nossa vida na

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

